

Apontamentos em torno da literatura regional: Guilhermino Cesar e a série “Para o estudo do conto gauchesco”*

Mauro Nicola Póvoas**

Resumo

Guilhermino Cesar publicou no “Caderno de Sábado”, suplemento do jornal *Correio do Povo*, em 1973, seis textos reunidos sob o título geral de “Para o estudo do conto gauchesco”. O conjunto de ensaios de Cesar apresenta um olhar panorâmico sobre a literatura de caráter regional composta no Rio Grande do Sul e nos países platinos vizinhos, Uruguai e Argentina, por meio da alusão a vários autores gauchescos, com comentários sobre as suas obras. É intenção do presente artigo analisar os seis textos de autoria do professor e crítico mineiro radicado no Rio Grande do Sul.

Palavras-chave

Conto; literatura gauchesca; regionalismo; Guilhermino Cesar.

Abstract

In 1973, Guilhermino Cesar published in the *Caderno de Sábado*, a supplement of *Correio do Povo*, six texts gathered under the general heading of *Para o estudo do conto gauchesco*. The group of Cesar’s essays presents a look at the regional literature composed in Rio Grande do Sul and platinum neighboring countries, Uruguay and Argentina. It happens through the allusion to several gauchesco authors and critical comments about their works. This paper aims to analyze the six texts written by the professor and critic from Minas Gerais, settled in Rio Grande do Sul.

Keywords

Short story; Gauchesca literature; Regionalism; Guilhermino Cesar.

* Artigo de autor convidado.

** Professor no Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal de Rio Grande (FURG) e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma instituição.

SÉRIE BASTANTE CONHECIDA E CITADA DE GUILHERMINO CESAR,¹ o conjunto de textos “Para o estudo do conto gauchesco” originalmente apareceu em partes, nos dias 13, 20 e 27 de janeiro e 10, 17 e 24 de fevereiro de 1973, no suplemento semanal do jornal *Correio do Povo*, o “Caderno de Sábado”, de conteúdo literário, histórico e cultural, e que circulou de 1967 a 1981. Depois, atestando a sua vitalidade, os artigos receberam pelo menos duas outras publicações: no periódico *Letras de Hoje*, da PUCRS, de setembro de 1985, com o título de “O conto gauchesco”, e no livro *Notícia do Rio Grande*, coletânea de ensaios de Cesar organizada por Tania Franco Carvalhal, de 1994. Na verdade, em nota na *Letras de Hoje*, o autor explica que “Para o estudo do conto gauchesco” foi um trabalho escrito para ser apresentado no V Seminário Nacional de Literatura, em Curitiba/PR, em dezembro de 1972; ainda em suas palavras, “a versão atual sofreu pequenos retoques” (CESAR, 1985, p. 121). Já o volume a cargo de Tania Carvalhal (CESAR, 1994),² do qual este trabalho retirará as suas citações, baseou-se na primeira edição, estampada no “Caderno de Sábado”.

São seis os pequenos textos enfiados sob o título geral de “Para o estudo do conto gauchesco”, e que em sua completude apresentam um olhar panorâmico sobre a literatura de fundo gauchesco composta no Rio Grande do Sul, comparando-a, quando necessário, com os vizinhos platinos, Uruguai e Argentina, além de confrontá-la com o que era escrito em outras regiões brasileiras. Com uma infinidade de obras e autores citados, ao final da leitura do sexto texto, conforme se verá a seguir, é possível estabelecer um cânone da produção cultural em torno dos assuntos telúricos gaúchos: da Sociedade Partenon Literário aos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs).

O primeiro artigo tem como título “Raízes da tradição gauchesca” e, no começo, Guilhermino Cesar pergunta-se por qual motivo os primeiros autores sul-rio-grandenses – Pedro Canga, Delfina Benigna da Cunha, Araújo Porto Alegre – não se voltaram ao tema da natureza e do homem sulinos: Porto Alegre, por exemplo, foi “avaro” para com aquela “natureza onde colheu as primeiras experiências sensoriais” (p. 21); Delfina só “teve tempo e gosto para o sentimentalismo amoroso, à boa maneira dos árcades

¹ Nascido no município de Eugenópolis, no Estado de Minas Gerais, em 15 de maio de 1908, Guilhermino Cesar transferiu-se para o Rio Grande do Sul, a serviço, em 1943, vindo a falecer em Porto Alegre, no dia 7 de dezembro de 1993. Nos cinquenta anos em que viveu na capital gaúcha, marcou profundamente a historiografia literária sul-rio-grandense, em especial com a publicação de *História da literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*, em 1956 (2ª edição em 1971; 3ª em 2006).

² A seguir, nas citações do artigo de Guilhermino Cesar, apenas será indicado o número da página.

retardatários” (p. 22); Canga, por sua vez, “apesar de ousado, deixou de visualizar a natureza de modo convencional, segundo as noções do Neoclassicismo” (p. 22).

Mesmo no introdutor do ciclo romanesco na literatura gaúcha, José Antônio do Vale Caldre e Fião, no seu até então único livro conhecido, *O corsário* (em 1972/1973, o romance *A divina pastora* não havia ainda sido redescoberto), passa longe do que Guilhermino Cesar chama “atmosfera gaúcha” (p. 23). Outros momentos históricos importantes da literatura do Rio Grande do Sul dos primórdios, segundo o crítico mineiro, também apenas deixam entrever essa “atmosfera”: a literatura oral que contava os fatos da Revolução Farroupilha (1835-1845), recolhida em cancionários; os escritores neoclássicos e românticos que gravitavam em torno do semanário *O Guaíba* (1856-1858), marco do periodismo literário do Estado, dirigido por Carlos Jansen; ou a produção da *Arcádia* (1867-1870), importante revista do momento, surgida na cidade de Rio Grande, e que era dirigida por Antônio Joaquim Dias.

A mudança dá-se com *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário* (1869-1879), órgão divulgador da produção e das ações da agremiação de mesmo nome, liderada por Apolinário Porto Alegre. Conforme Cesar, os nomes contemporâneos ao mensário – Apolinário, Bernardo Taveira Júnior, Múcio Teixeira, Lobo da Costa – em textos ali publicados ou em livros, começam a dar estatuto literário ao homem e à paisagem pampianos, com a primazia cabendo a Taveira Júnior, com as *Provincianas*.³ Após, o ensaísta sublinha que esses autores citados, todos da geração partenonista, “livres de quaisquer influências platinas” (p. 25), deram tratamento literário ao gaúcho e aos seus costumes de acordo com a matriz romântica brasileira, seguindo, portanto, Gonçalves Dias, Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar, Juvenal Galeno, Bernardo Guimarães e Visconde de Taunay. Assim, “não se vislumbra parentesco literário” (p. 25) entre os escritores sul-rio-grandenses e os platinos da época: Estanislao del Campo, Antônio Lussich, José Hernández. Por fim, Guilhermino Cesar acentua o caráter essencialmente culto da gauchesca sulina, já que Taveira Júnior e companhia eram espécies de “turista(s) em busca de cor local” (p. 25):

³ Há uma celeuma levantada por Álvaro Teixeira, filho de Múcio Teixeira, de que o seu pai seria o verdadeiro fundador da tradição campeira, por causa de poemas gauchescos que Múcio escreveu a partir da década de 1870. A confusão deu-se porque as *Provincianas* publicaram-se somente em 1886, embora tenham sido escritas em 1865 e concluídas em 1873; essas duas últimas datas foram registradas pelo próprio Taveira Júnior no “Convém ler”, prefácio de seu livro. Ver: TAVEIRA JÚNIOR, Bernardo. *Provincianas*. Porto Alegre: Movimento; Brasília: MinC/Pró-Memória; INL, 1986. p. 21-23

São e querem ser poetas da cidade, malgrado todos os outros disfarces literários de que usaram e abusaram. Vão idealmente à Campanha, em busca de exotismo; não sobem de lá até a cidade, como os poetas platinos, trazendo para a civilização o cheiro agreste, o falar despoliciado, a bruteza da vida campeira. (p. 25)

O segundo artigo, nomeado “O espaço físico da gauchesca: a mitização do gaúcho”, traz em seu bojo a reflexão que se resume na seguinte pergunta: “Onde se localiza, no espaço, o campo de observação que tem sido, desde meados do século XIX, a matriz do regionalismo gaúcho?” (p. 27). Pela classificação oficial, o lugar onde o gaúcho transita é a Campanha, que merece, de Guilhermino Cesar, duas distinções: uma delimitação mais rigorosa é a fisiográfica – o descampado aquém da fronteira com a República do Uruguai, cobrindo o chamado pampa e compreendendo as cidades de Alegrete, Bagé, Dom Pedrito, Quaraí, Rosário do Sul, Santana do Livramento, São Gabriel e Uruguaiana; outra, mais ampla, é a histórico-sociológica, definida nos passos de Sérgio da Costa Franco – toda a Metade Sul do Estado, ou seja, um grande triângulo cujas faces são a fronteira do Uruguai, os rios Ibicuí e Jacuí e a borda oeste das lagoas dos Patos e Mirim, excluído o litoral marítimo.

Para Cesar, na Campanha imprimiram-se marcas próprias, devido à economia pastoril e aos conflitos bélicos derivados da sua posição fronteiriça. Aí, a partir do século XVIII, viveu o gaúcho da fase heroica, criado num ambiente livre das leis e das amarras sociais, mas emparedado pela obrigação de escolher entre dois mundos, o castelhano e o português, pois que ambos brigavam pelas terras meridionais, àquela altura sem dono, e impunham, aos poucos, a território tão descampado e agreste, as regras inerentes à vida civil organizada.

Inicialmente, esses gaúchos eram coureadores, tropeiros, ex-milicianos ou contrabandistas de gado, isto é, personagens solitárias, marginalizadas, aventureiras, guerreiras, caracterização que atraiu a atenção dos ficcionistas e poetas. Os escritores, recusando-se a ver que na realidade o gaúcho era condicionado pelo pastoreio, uma atividade econômica primária, niveladora e que não ofereceria um horizonte cultural muito amplo, procedem à mitificação do tipo: “Imaginá-lo, porém, como expoente de uma ‘raça’, encarnando virtudes imemoriais, era mais fantasioso, poetizava a antropologia cultural, dava-lhe outro realce” (p. 29).

Guilhermino Cesar aponta que o retrato físico-moral do gaúcho pouco mudou desde os primeiros escritos até a contemporaneidade: aposta-se alto, sempre, no

primitivismo de seu caráter e da sua psicologia, sem, no entanto, esquecer de desenhá-lo como corajoso, solitário, errante, em permanente disponibilidade sentimental; paradigmáticos dessa descrição são Jango Jorge e Blau Nunes, duas personagens saídas da pena de João Simões Lopes Neto. A partir da pintura do gaúcho acima apontada, foi fácil encaminhar-se à idealização:

De generalização a generalização, a literatura terminou por colocá-lo numa espécie de Arcádia crioula, território de evasão muito procurado pelos imaginativos. O resultado é um sentimento estereotipado, que emigrou da letra de forma para outras modalidades de arte, e segundo o qual o habitante da Campanha encarna sempre a galhardia, a coragem, a lealdade, o desprendimento de uma criatura perfeita. Esse foi o molde em que se fundiu o “monarca das coxilhas”, o “centauro dos pampas”. (p. 30)

No dizer de Cesar, a vantagem dessa desumanização do campeador foi, ao menos, o início da deseuropeização dos clichês literários do Rio Grande do Sul, assim como já tinha se dado com a literatura romântica nacional, em relação ao índio e ao sertanejo. Em busca da construção de uma identidade, os escritores, tanto sulinos, como brasileiros, buscaram nos tipos regionais a diferenciação com aquilo que provinha do outro lado do Atlântico.

O terceiro ensaio, “Traslação da gauchesca a outras áreas”, inicia afirmando que outras regiões do Rio Grande do Sul que não a Campanha passaram a servir de cenário à poesia, ao conto e ao romance de fundo gauchesco. “Curiosa traslação” (p. 33), pois se alargam os parâmetros geográficos em prejuízo de uma suposta autenticidade campeira, já que essas outras áreas culturais se diferenciam, sob muitos aspectos – nos recursos econômicos, no processo miscigenatório, na tradição política – da Fronteira, “a ‘pequena pátria’ do guasca” (p. 33). Na verdade, o gaúcho tradicional prolonga a sua existência amalgamando-se ao camponês, transformando-se num trabalhador rural; daí ocorre, ao ex-tropeiro, a condenação irremediável à padronização, o que faz com que, aliás, o termo “gaúcho” ganhe estatuto nobre em todos os setores da vida social do Rio Grande do Sul, além do literário, inclusive virando sinônimo do patronímico “sul-riograndense”:

Donde uma conclusão, essencial ao prosseguimento de nosso estudo: o que o regionalismo da hora presente está interpretando, com o nome de *gaúcho*, não é mais o tipo original, mas sim o rústico, o homem do campo sedentarizado, vivendo numa ordem econômica diferente. (p. 33-34)

Se há uma uniformização, segundo Guilhermino Cesar, que atende à aderência irrestrita do Rio Grande do Sul à federação e procede à manutenção da unidade nacional,

não se pode cair na ingenuidade de se achar que o espaço cultural rio-grandense é ocupado por um “homem só”: sabe-se da diferença que separa “um pelotense de um vacariano, um colono de Caxias de um pescador da Ilha dos Marinheiros” (p. 34). São divergências, entretanto, que não chegam a superar as significativas aproximações do nascido no Rio Grande do Sul com o originário do resto do Brasil: ambos têm interesses e aspirações comuns, ambos estão já unidos pelo selo da nacionalidade brasileira.

Cesar aponta que no início da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul houve um atrativo imemorial pelo primitivo, algo de que nenhuma literatura escapa – até o “supercivilizado” (p. 35) Jorge Luis Borges, por exemplo, fascinava-se pelo animismo da gauchesca. O recrudescimento dessa atração, no Rio Grande do Sul, observa-se do fim do II Reinado até a guerra civil denominada Revolução de 1923, que ocorreu entre os partidários de Borges de Medeiros e os de Assis Brasil, momento em que o eixo da política e da economia desloca-se da Campanha/Fronteira para Porto Alegre e arredores, região que começa a formar um complexo agroindustrial criado com a colaboração dos colonizadores alemães e italianos; são desse momento autores como Alcides Maya, Simões Lopes Neto, Piá do Sul (pseudônimo de Félix Contreiras Rodrigues) e LAF (iniciais de Luís de Araújo Filho).

Desse deslocamento emerge o “gaúcho a pé”, um excluído social perdido nas grandes cidades, premido pelas dificuldades advindas das novas realidades sociais: o latifúndio improdutivo; a mecanização da lavoura e a conseqüente miséria da peonagem; a cultura do plantio e do automóvel substituindo, respectivamente, a pecuária e o cavalo. Guilhermino Cesar sublinha que, em pleno século XX, o estilo de vida fronteiriço não mais servia para o Rio Grande do Sul, surgindo, assim, o “colono”, menos carregado de historicidade:

Ao invés da galhardia do gaúcho de outrora, do sentimento à flor da pele, pronto a comprar briga, mostra o oposto de tudo isso: a paciência, a conduta civil, a poupança, a integração no grupo por intermédio da família; em suma, vem à tona um ser que sofre sem a teatralidade do guasca os dramas da sua condição humana. (p. 36-37)

A conclusão do terceiro ensaio é encaminhada a partir da divisão binária do regionalismo sulino empreendida por Dyonélio Machado: a primeira fase é a do regionalismo propriamente dito, a dos clássicos do gênero, em geral palavrosos e idilicamente românticos, e que trazem o camponês rio-grandense à moda gaúcha, heroico e fanfarrão, mesmo quando na miséria; a segunda fase é a do localismo, em que

se constitui um semiproletário rural despido dos atributos anteriores, com o documento e a denúncia sociopolítica sobrepujando o artístico. Alcides Maya pode ser considerado um autor que mescla essas duas tendências: era ainda pertencente ao “regionalismo palavroso”, mas ao mesmo tempo era “um observador interessado dos problemas sociais da Campanha” (p. 37).

O quarto texto do grupo, “A gauchesca nos dois primeiros decênios do século XX”, olha mais atentamente para os principais autores sul-rio-grandenses do período indicado no título, Simões Lopes Neto, com *Cancioneiro guasca* (1910), *Contos gauchescos* (1912) e *Lendas do sul* (1912), e Alcides Maya, com *Ruínas vivas* (1910) e *Tapera* (1911). Cita, também, outros autores significativos da vintena: LAF, com *Recordações gaúchas* (1904); Roque Callage, com *Terra gaúcha* (1914); Amaro Juvenal, com *Antônio Chimango* (1915).

Simões Lopes Neto, “o vulto mais fascinante do regionalismo” (p. 42), “se desinteressou do social para aderir ao indivíduo e Alcides tentou operação inversa” (p. 43); sendo assim, na comparação de um com o outro, na opinião de Guilhermino Cesar, Lopes Neto sai ganhando. Se, à época, o autor de *Contos gauchescos* vivia na semiclandestinidade, o escritor de *Ruínas vivas* era incensado por crítica e público, situação que se inverte com o passar dos anos, pois enquanto o segundo perde-se em teses sociológicas, o primeiro responde com o poder encantatório da palavra e com a transmutação da realidade – o mundo mágico do passado gaúcho – em poesia: E não será por isso que Simões Lopes cresceu tanto com o correr do tempo, enquanto Alcides Maya viu minguar o seu prestígio de modo talvez irreparável? (p. 43)

O apego à terra retorna não por acaso, pois, historicamente, as primeiras duas décadas do século XX coincidem com a irrupção da I Guerra Mundial, conflito que trouxe consigo uma onda nacionalista mundial, logo pressentida pela literatura, talvez antes que qualquer outra atividade. Como exemplo, Cesar traça um paralelo entre duas figuras míticas características de suas respectivas regiões: se no extremo meridional da América do Sul volta-se com força ao tipo do gaúcho/*gaucho*, nos Estados Unidos quem domina o cenário, em especial nos filmes hollywoodianos de faroeste, é o *cowboy*.

Além disso, aponta-se, na esteira de Madaline Wallis Nichols, para uma revivescência, entre 1914 e 1920, da gauchesca, tanto no Uruguai como na Argentina, seja no âmbito da literatura, seja no âmbito do social, com a criação de clubes cuja finalidade era perpetuar a tradição do gaúcho. Essas *Sociedades Criollas* platinas, junto

ao *Grêmio Gaúcho*, fundado em 1898 por Cezimbra Jacques, podem ser consideradas os germes dos futuros CTGs, no Rio Grande do Sul. Não à toa, Guilhermino Cesar afirma que vê, “pelo menos, certa influência platina em quase todos os prosadores há pouco citados, exercida sobretudo por intermédio de Javier de Viana, Horacio Quiroga e Benito Lynch” (p. 40). Por outro lado, é lembrado que, em 1925, quando surge um novo surto de literatura telúrica sul-rio-grandense – sendo os principais expoentes Darcy Azambuja e Vieira Pires no conto; Vargas Neto e Pedro Vergara na poesia –, tematicamente não há nenhuma novidade, pois esses autores apenas retomam os passos dados pelos antecessores.

No quinto título da série, “A gauchesca rio-grandense e a platina; repulsão e aproximação”, Cesar continua a explorar a questão da relação existente entre as gauchescas sul-rio-grandense e platina. O ensaísta alerta, num primeiro momento, que querer simplesmente aproximar as duas literaturas é bastante perigoso, pelo que de contrastante há em ambas. Enquanto a gauchesca de têmpera platina busca a independência política da metrópole, a que se deve o seu caráter antiespanhol bastante marcado, a sul-rio-grandense faz parte de um todo mais homogêneo, a literatura brasileira, sendo apenas uma de suas peculiaridades regionais, não tendo, portanto, o aspecto de busca de uma expressão individualizadora nacional, nos termos autóctones que a gauchesca toma na Argentina e no Uruguai.

Sendo assim, os primeiros autores da gauchesca no Rio Grande do Sul negam o emparceiramento com o Prata, como fica claro na leitura de *O vaqueano* (1872), de Apolinário Porto Alegre, ou de *O campeiro rio-grandense* (1885), de Heráclito (pseudônimo de João Mendes da Silva). Somente no século XX, com os já citados Lopes Neto e Maya, é que se observa uma maior miscigenação com os hábitos e costumes do além-fronteira:

A atitude de ambos, quero crer, ao invés de submissão aos figurinos do Prata, significa indiferença, ou antes, superioridade mental diante do que por lá se fazia. Já não lhes importava defender, por desnecessário, o princípio da autonomia de nossa literatura. (p. 46)

Nessa direção, uma obra em especial será importante, o *Antônio Chimango*, de Amaro Juvenal (pseudônimo de Ramiro Barcelos), sátira política ao na época presidente do Estado, Borges de Medeiros; o livro de Juvenal e os *Contos gauchescos* de Lopes Neto formam, de acordo com Guilhermino Cesar, as mais felizes versões simbólicas, aparecidas desde o século XIX, de um homem agarrado ao seu torrão natal. Não que a

segunda metade dos oitocentos seja virgem de textos gauchescos; pelo contrário, os há e muitos, embora sofram por trazerem um temário regionalista em uma linguagem culta, baseada nos exemplos de Macedo, Alencar, Garrett e Herculano. São poemas, romances e contos escritos por Caldre e Fião, Apolinário Porto Alegre, Vítor Valpírio (pseudônimo de Alberto Coelho da Cunha) e José Bernardino dos Santos, autores importantes pela primazia, mas que falharam por perderem “a oportunidade de recriar uma realidade gauchesca mais vizinha das origens” (p. 47-48). Mesmo depois, já no século XX, persiste essa poesia culta, como em Manuel do Carmo (pseudônimo de Manuel Pereira Fortes), poeta de *Cantares de minha terra* e de *A marcação*: “irrepreensível no traço, na harmonia dos versos, na gradação da cor local, não teve, porém, a espontaneidade de Ramiro Barcelos ao compor *Antônio Chimango*” (p. 48).

O *Chimango*, escrito em sextilhas de fácil memorização, além de espontâneo, traz uma série de outros elementos que o acomodaram na preferência geral do público: ataca os poderosos, revolve as lutas do passado e traz um realismo às vezes cru e cínico, em substituição ao sentimentalismo romântico. Todavia, uma outra grande característica o diferencia dos seus pares: a vinculação à gauchesca do Prata. Embora Augusto Meyer discorde dessa visada, é impossível negar, segundo Guilhermino Cesar, a relação, por exemplo, entre o poema herói-cômico de Amaro Juvenal e autores como Hilario Ascasubi (comparação traçada por Manoelito de Ornellas) e José Hernández (aproximação apontada por Niel Aquino Casses).

A função estimulante do *Antônio Chimango*, no despertar de uma nova gauchesca sul-rio-grandense, correspondente à geração pós-1920, é o tema do sexto e último texto, “O conto gauchesco, de Simões Lopes Neto aos autores de hoje”. Para Cesar, o fato de o *Chimango* ter bebido da fonte platina em nada desmerece o “poemeto campestre”, nem lhe tira a originalidade e a beleza formal, tornando-o influência em todos os textos publicados no Rio Grande do Sul no período exatamente posterior, mesmo com o advento, em 1922, do movimento modernista paulista. O Modernismo, declaradamente inimigo, em sua fase heroica, do regionalismo literário, alivia, depois, essa distinção, a tal ponto que Mário de Andrade, um de seus líderes, faz a famosa afirmação que serviu de epígrafe à *História da literatura do Rio Grande do Sul*:

De todas as literaturas regionais do Brasil, tenho a impressão que a gaúcha é a que mais apresenta uma identidade de princípios, uma normalidade geral dentro do bom, uma consciência de cultura, uma igualdade intelectual e psicológica, que a tornam fortemente unida e louvável. (p. 52)

Guilhermino Cesar lembra ainda de *Cobra Norato*, poema de cunho amazônico, de 1931, do gaúcho Raul Bopp, para exemplificar a mescla regionalismo/Modernismo. A sincronia, um pouco tardia, entre ambos os “ismos”, justifica-se no momento em que se verifica que o Modernismo não trouxe grandes novidades ao que já se fazia no Rio Grande do Sul, dono de uma literatura autêntica, humanista e “valorizadora da experiência artística impregnada de sumos nativos” (p. 53), tudo isso “antes do aparecimento do romance de Erico Verissimo” (p. 52). Com ou sem Modernismo, o importante é que os textos de extrato gauchesco continuaram a aparecer, em especial na prosa de ficção, sendo Darcy Azambuja, na linha cronológica, um outro autor paradigmático, pois repele, em *No galpão* (1925) e em *Coxilhas* (1956), especialmente com o primeiro, “as demasias do gauchismo festivo”, escrevendo “alguns contos que fazem época” (p. 53).

No momento pós-I Guerra Mundial, junta-se, a Darcy Azambuja, uma gama de outros nomes marcantes da literatura sul-rio-grandense de cor nativista, com maior ou menor qualidade: Alcides Maya, com *Alma bárbara* (1922), seu canto de cisne; Roque Callage, com *Rincão* (1921) e *Quero-quero* (1927); João Fontoura, com *Umbu* (1929); Vieira Pires, uma espécie de “Maupassant de bombachas” (p. 54), com *Querência* (1928); João Maia, com *Pampa* (1925); Manuel Duarte, com *Humildes* (1930); Manuel Acauan, com *Ronda charrua* (1931); Cyro Martins, “escritor bem dotado”, e que “numa linguagem lhana e transparente conseguiu levantar do chão da Campanha esses gaúchos *de a pé* [sic] que a idade moderna vai pouco a pouco reduzindo à condição de párias sociais” (p. 54); e Luís Carlos Barbosa Lessa, com *O boi das aspas de ouro* (1958), autor e pesquisador que foi um dos animadores do Tradicionalismo, movimento que deu origem aos Centros de Tradições Gaúchas, instituições que são “do ponto de vista associativo o que há de mais orgânico em remotos lugarejos do interior, onde estimulam sob várias formas o cultivo de velhas usanças” (p. 54).

Seja como for, Guilhermino Cesar esclarece que “não surgiu até agora nenhum grande nome que venha representar com categoria a corrente gauchesca” (p. 54). Assim, a conclusão derradeira é a de que Simões Lopes Neto continua a ser o patriarca do regionalismo sulino, “o metal de voz mais vibrante e mais puro da gauchesca brasileira” (p. 54).

Ao final dos seis ensaios, algumas conclusões podem ser delineadas. A primeira é a de que a gauchesca pode, e deve, ser dividida em duas porções: a sul-rio-grandense e

a platina, que passaram, ambas, através dos anos, por idas e vindas, em uma relação de atração e repulsão entre si, variando do distanciamento inicial observado no século XIX até a aproximação que se verifica, por exemplo, na confecção do *Antônio Chimango*, já na década de 1910. A ligação da literatura sul-rio-grandense com as literaturas argentina e uruguaia somente se dá no momento em que a comunhão com a nacionalidade brasileira está consolidada, processo que começa com o advento da Sociedade Partenon Literário (modelada conforme o Romantismo de Gonçalves Dias e de José de Alencar) e que culmina no alvorecer do século XX. Isso pode ser confirmado, inclusive, na constatação da demora, por parte da literatura produzida na então Província sulina, em se cercar dos temas pampeiros, introduzidos somente na segunda metade do século XIX, por Bernardo Taveira Júnior.

Não se apropriar de qualquer traço platino nesse momento de afirmação configura-se como uma precaução nacionalista do Rio Grande do Sul, que já tinha se insurgido contra o Império brasileiro entre 1835-1845, no episódio republicano e separatista conhecido como Revolução Farroupilha. Após a consciência da impossibilidade da concretização de uma pátria rio-grandense, ambição sepultada com a anexação definitiva da “República do Piratini” ao Brasil, cabe ao Partenon Literário, então, o fortalecimento da identidade regional, no momento em que o grupo evoca o chamado “decênio heroico” como um espaço e um tempo mágicos para a formação do Rio Grande do Sul. Óbvio que a Guerra dos Farrapos – a essa altura uma recordação distante, embora admirada pelos sul-rio-grandenses – foi retrabalhada e remodelada pelos partenonistas desde uma matriz mítica, que procurou mostrar, para todos que lessem a revista, como os habitantes do extremo meridional podiam ser “bravos”, “valentes” e “honrados”, excluindo dessa rememoração qualquer menção a motivos econômicos e ideológicos como o estopim da insurgência liderada por Bento Gonçalves.

A partir da Sociedade Partenon Literário, os escritores gaúchos, ao se voltarem para os assuntos telúricos, elegeram como matéria da ação de seus textos – prosa, poesia, teatro – o gaúcho e a Campanha. O tipo humano e o espaço escolhidos entronizaram-se com tanta intimidade na literatura, que ambos se mesclaram nas denominações “monarca das coxilhas” e “centauro dos pampas”; são expressões que, na comparação com os foros nobres da monarquia e com a força mitológica do centauro, denunciam uma idealização e, também, a relação umbilical existente entre um elemento e outro. Tão forte foi a mitificação empreendida pela literatura campeira, que o termo “gaúcho”

trasladou-se para todo e qualquer habitante do Rio Grande do Sul – do Litoral, da Serra, das Missões –, não mais, portanto, referindo-se somente ao nascido na Campanha/Fronteira. Também se verifica o poder de mitificação das criações da gauchesca na sua transposição da literatura para a vida social: é o que se vê na fundação dos CTGs, pilares do Movimento Tradicionalista e protagonistas da continuidade do culto aos hábitos, aos costumes, aos apetrechos e às vestimentas do homem do campo.

Como o tratamento literário do gaúcho pampiano demora, porém, a se concretizar na literatura sul-rio-grandense, somente no começo do século XX surge o primeiro grande escritor, esteticamente falando, da corrente gauchesca do Rio Grande do Sul: João Simões Lopes Neto, em vida pouco comentado, ao contrário de Alcides Maya, bastante conhecido à época, mas contemporaneamente fadado a ter seu nome reconhecido mais pela importância histórica do que pelo valor estético. A esses dois homens de letras fundamentais, juntam-se outros também fulcrais, ou pelo ineditismo da abordagem, como Amaro Juvenal, ou pela visada despida do verniz excessivamente culto e urbano, como Darcy Azambuja. Nesse sentido, para além desses, os textos de Guilhermino Cesar listam um conjunto de nomes, alguns esquecidos; a lembrança de todos eles é importante, todavia, no momento em que fixa, na história da literatura sul-rio-grandense, escritores representativos, tanto literária quanto historicamente, da gauchesca sulina, assim como lembra autores incontornáveis da gauchesca platina.

Temporalmente, Cesar conduz o seu estudo até o decênio de 1930, não abordando com vagar obras surgidas a partir da segunda metade do século XX. É um exercício curioso imaginar o crítico aprofundando a análise de autores apenas lembrados rapidamente, como Erico Verissimo e Cyro Martins, ou então de escritores não citados, pois que surgem pós-1950, como Luiz Antonio de Assis Brasil e Tabajara Ruas, que revisitam a gauchesca com vieses inovadores, já sem o caráter monárquico, aquele que reveste com ares de nobreza a personagem muitas vezes miserável do campeador.

Evocadas a partir de Dyonélio Machado, as duas fases/faces da gauchesca – uma mais mítica, outra mais social – flagram uma transformação no teor dos textos e, provavelmente, seriam aumentadas ou, pelo menos, ganhariam semitons que pudessem dar conta da multiplicidade e da complexidade dos nomes e das obras da literatura sul-rio-grandense contemporânea, que, não custa lembrar, cada vez mais, vem voltando o seu olhar para a cidade, reflexo da rápida urbanização por que passaram, e ainda passam,

todas as regiões do Estado sulino. São reflexões que levam a alguns questionamentos: deve-se, hoje, falar de uma literatura crioula no Rio Grande do Sul? Se sim, quais seriam os seus autores representativos? E a expressão “literatura sul-rio-grandense”, denominação “una” e “fechada”, a princípio, pode ser usada, levando-se em conta que abarca autores tão díspares, como, por exemplo, Bernardo Taveira Júnior, Simões Lopes Neto, Vianna Moog, Raul Bopp, Caio Fernando Abreu e João Gilberto Noll, pertencentes uns à gauchesca, outros não?

Outro aspecto que pode ser levantado, pensando-se tão somente na chamada literatura gauchesca sulina, é a formação de um paradigma canônico por Guilhermino Cesar, estruturado a partir das inúmeras citações por ele feitas nas páginas dos seis ensaios. É um cânone, sem dúvida, liderado por Simões Lopes Neto, mas que tem, entre outros nomes, escritores como Apolinário Porto Alegre, Bernardo Taveira Júnior, Múcio Teixeira, Lobo da Costa, Heráclito, LAF, Alcides Maya, Piá do Sul, Darcy Azambuja, Roque Callage, Amaro Juvenal, Vargas Neto, João Fontoura e Cyro Martins.

Estudo não só de interesse literário, mas sociológico, histórico, etnográfico e antropológico, a pertinência e a permanência de “Para o estudo do conto gauchesco” comprovam-se nas suas repetidas publicações e nos comentários críticos a ele dirigidos, que reforçam a sua importância. Exemplos são as afirmações de José Aderaldo Castello e Tania Franco Carvalhal, ambas presentes na edição organizada por esta última.

Aderaldo Castello escreve que a série de seis textos sobre a gauchesca impõe-se “como ‘Introdução’ à *História da literatura do Rio Grande do Sul*, pois constitui um conjunto fundamental para conceituar regionalismo, compreendido no universo gaúcho e, por extensão, os demais regionalismos na literatura brasileira” (CASTELLO, 1994, p. 7). Já Franco Carvalhal aponta que “É tal a abrangência e a acuidade desses estudos, que se tornam de conhecimento obrigatório e de valia inestimável a todos que se dedicam ao exame dessa literatura [a do Rio Grande do Sul]” (CARVALHAL, 1994, p. 15).

A nota de José Aderaldo Castello, na verdade, pode ser vista a contrapelo, no momento em que o conjunto de ensaios pode ser encarado, também, como uma espécie de continuação da *História*, a qual se estende, aliás, apenas a 1902, pois o projeto do professor e crítico mineiro previa a escrita de um segundo volume, abrangendo o século XX, e que nunca veio à luz. As diferentes partes do estudo sêxtuplo sobre a gauchesca deixam entrever, no entanto, algumas das preocupações de Guilhermino Cesar, em

abordagens que com certeza seriam feitas dos autores que surgiram somente após a virada dos oitocentos para os novecentos, fato que obviamente impediu que esses escritores fossem contemplados no primeiro e único tomo da *História da literatura do Rio Grande do Sul* que veio à tona.

Referências

CARVALHAL, Tania Franco. Guilhermino Cesar: do efêmero ao permanente. In: CESAR, Guilhermino. *Notícia do Rio Grande: literatura*. Org. Tania Franco Carvalhal. Porto Alegre: IEL; Ed. da Universidade/UFRGS, 1994. p. 15.

CASTELLO, José Aderaldo. Apresentação. In: CESAR, Guilhermino. *Notícia do Rio Grande: literatura*. Org. Tania Franco Carvalhal. Porto Alegre: IEL; Ed. da Universidade/UFRGS, 1994.

CESAR, Guilhermino. O conto gauchesco. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 93-121, set. 1985.

_____. *Notícia do Rio Grande: literatura*. Org. Tania Franco Carvalhal. Porto Alegre: IEL; Ed. da Universidade/UFRGS, 1994. p. 21-54.